

TESOUROS DO NCE



**TERCEIRA
TEMPORADA**

EDIÇÃO 2017

TESOUROS DO NCE

Conheça a terceira temporada do Caça aos Tesouros do NCE (2017)

A importância do debate de gênero e sexualidade nos espaços educativos

Por Gabriel Razo da Cunha e Juliane Cruz

Do Cinema ao Youtube, a espetacularização da violência se renova

Por Lucas Fersa e G. Marina Ferreira

Educomunicação: como desenvolver o senso crítico para as notícias falsas

Por Vivian Khatchikian, com a parceria de Lucas Ossoda, José Sales Neto e Marcos Blasques

Em 2005, evento histórico discutiu a presença dos negros na mídia. Será que algo mudou desde lá?

Por Pamela dos Reis Vieira e Marcela Viana Riccomini

Possibilidades tecnológicas na educação indígena

Por Alana Ramos e Bruna Pontes



Terceira Temporada

A importância do debate de gênero e sexualidade nos espaços educativos

Por Gabriel Razo da Cunha e Juliane Cruz

Do Cinema ao Youtube, a espetacularização da violência se renova

Por Lucas Fersa e G. Marina Ferreira

Educomunicação: como desenvolver o senso crítico para as notícias falsas

Por Vivian Khatchikian, com a parceria de Lucas Ossoda, José Sales Neto e Marcos Blasques

Em 2005, evento histórico discutiu a presença dos negros na mídia. Será que algo mudou desde lá?

Por Pamela dos Reis Vieira e Marcela Viana Riccomini

Possibilidades tecnológicas na educação indígena

Por Alana Ramos e Bruna Pontes

Pesquisa Rápida



Últimas Notícias

Disciplina com metodologia de ensino por projetos e interdisciplinaridade debate o combate à desinformação sobre câncer

17/04/2024

Representante do NCE participa da 4ª Conferência Nacional de Cultura a convite do Ministério da Cultura

10/04/2024

Ingressantes de 2024 do curso de Educomunicação são recebidos pela comunidade acadêmica

18/03/2024

Arquivo



Capa Revista Nova Escola Nº279 Janeiro de 2015, gera polêmica. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1451/capa-de-nova-escola-sobre-genero-tem-repercussao-recorde>

A polêmica da “ideologia de gênero” percorreu as mídias durante os últimos anos. Por diversas vezes, políticos tentaram contra o debate de gênero nas escolas após o ENEM, em 2015, trazer a frase da filósofa Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Tal polêmica fez com que a [Câmara dos Vereadores de Campinas realizasse uma moção de repúdio contra a questão do ENEM que citava a filósofa](#). [<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/11/apos-polemica-envolvendo-enem-camara-debate-ideologia-de-genero.html>] Isso fez com que a Câmara realizasse uma discussão sobre a ideologia de gênero nas escolas.



Câmara de Campinas. Discussão sobre ideologia de Gênero nas escolas. Disponível em: <https://visualhunt.com/f/photo/31887303084/814a8360e8/> [<https://visualhunt.com/f/photo/31887303084/814a8360e8/>]



2.jpg

Livros *Gênero e Educação* (2003) e *Nem mais nem menos: Iguais* (2003)

Após a leitura do livro e da cartilha, ficou evidente a tentativa da Secretaria Municipal de Educação de tratar o tema de Gênero e Sexualidade nas escolas, uma vez que se observa um reflexo da sociedade nos alunos. Essa urgência em tratar o tema pode se justificar pelos [altos índices de feminicídio](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf) [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf] ocorridos no país durante o período. Também, esse material nasce em 2003, período que o Brasil adota a [Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf) [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf].

Esse material é de grande importância para o combate às violências percebidas na sociedade e na própria escola, quando os alunos refletem o que veem e aprendem em casa, na mídia e entre outros meios que elas acessam, reproduzindo cada vez mais a estrutura opressora que perdura na sociedade.

O livro *Gênero e Educação*(2003) é um material de apoio para educadores e educadoras, uma vez que trata de forma didática e explicativa os problemas estruturais que a sociedade sofre, como elas são reproduzidas pelos mesmos em sala de aula, trazendo soluções para tratar o tema com seus educandos, sugerindo também atividades para serem realizadas na escola. Já a cartilha *Nem mais, nem menos. Iguais*(2003) é um material de apoio para os alunos, com uma leitura simples e didática, explicativa para os alunos sobre machismo e sexismo, trazendo pequenas atividades de reflexão, propondo debates com a turma, promovendo reflexão sobre o tema.



3.jpg

Livro *Gênero e Educação* (2003)

Ao nascer, os seres humanos são apenas corpo, o que é ser homem e o que é ser mulher são construções sociais que criam formas de representação, manifestação e de comportamento social, culturalmente determinadas e historicamente circunscritas esperadas para macho e fêmea (GROSSI, 1998), não são comportamentos naturais decorrentes das diferenças entre sexos biológicos, ou seja, as noções de masculinidade e feminilidade se tratam de uma construção social imposta aos indivíduos à partir das características sexuais biológicas.

Scott (1990 p.4) descreve a ideia de gênero como um “elemento constitutivo das relações sociais fundadas entre as diferenças percebidas entre os sexos e como forma primária de dar significado às relações de poder”, neste sentido, gênero não se trata apenas de um conceito ou um campo de estudos, mas de uma relação de poder.

O conceito de gênero transpõe a sexualidade do campo do natural ao campo social e, uma vez que este está atravessado por relações de poder, a Educomunicação, por enxergar a necessidade de espaços onde as trocas entre os indivíduos sejam feitas de forma horizontal, tem como papel fundamental subverter e emancipar os indivíduos dessas estruturas criadas, de modo a colaborar com a percepção dos indivíduos sobre si mesmos e sobre a sociedade.

Baseado nas lógicas de *superiorização e inferiorização* dos grupos sociais, o espaço público no Brasil tem se caracterizado como hierarquizado e autoritário (Chauí, 2000), o debate sobre gênero aparece para que seja feita a identificação e crítica dos mecanismos sociais e institucionais



Capa Revista Nova Escola Nº279 Janeiro de 2015, gera polêmica. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1451/capa-de-nova-escola-sobre-genero-tem-repercussao-recorde>

A polêmica da “ideologia de gênero” percorreu as mídias durante os últimos anos. Por diversas vezes, políticos tentaram contra o debate de gênero nas escolas após o ENEM, em 2015, trazer a frase da filósofa Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Tal polêmica fez com que a [Câmara dos Vereadores de Campinas realizasse uma moção de repúdio contra a questão do ENEM que citava a filósofa](#). [<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/11/apos-polemica-envolvendo-enem-camara-debate-ideologia-de-genero.html>] Isso fez com que a Câmara realizasse uma discussão sobre a ideologia de gênero nas escolas.



Câmara de Campinas. Discussão sobre ideologia de Gênero nas escolas. Disponível em: <https://visualhunt.com/f/photo/31887303084/814a8360e8/>
[<https://visualhunt.com/f/photo/31887303084/814a8360e8/>]

Trazer para o espaço educativo e despertar a consciência tanto para os educandos quanto para os educadores a forma destoante que os homens e as mulheres são tratados na sociedade, desde as pequenas relações de divisão de filas por sexo nas escolas e a pré determinação do que é de menino e o que é de menina até às diferenças salariais, a divisão do trabalho, os papéis sociais impostos, promove um olhar mais crítico para as relações sociais que temos, iniciando uma mudança social com o objetivo de tornar a sociedade mais igualitária.

Como graduandos na Licenciatura em Educomunicação, teremos diversas oportunidades de ter contato com crianças e jovens, indivíduos em fase escolar básica. É de extrema importância, quando mais cedo, debater [\[http://generoeeducacao.org.br/\]](http://generoeeducacao.org.br/) gênero e sexualidade [\[http://generoeeducacao.org.br/\]](http://generoeeducacao.org.br/) com esses educandos e educadores, uma vez que trazemos conosco o espírito de mudança não só do sistema educacional conservador, mas também da sociedade, da forma com que nossas crianças e jovens são educados e a forma com que nossos educadores ensinam. Como indivíduos da interface da comunicação e educação, exercemos o papel fundamental para a formação também de seres críticos e dialógicos, que respeitem todos os outros indivíduos independente de qualquer aspecto. A produção de conteúdo comunicativo é importante para que possamos levar para o público esse debate, para que possamos despertar um olhar crítico para as produções midiáticas conservadoras e que possamos estar nos postos de produção midiática e levar a população um conteúdo diverso, empoderador, acolhedor e não discriminatório.

**Estudantes do curso de Licenciatura em Educomunicação ECA-USP*

Postado há 16th August 2017 por [Anonymous](#)

0 Adicionar um comentário



Digite um comentário

23rd August 2017 Do Cinema ao Youtube, a espetacularização da violência se renova

Por Lucas Fersa e G. Marina Ferreira*

Um relatório de André Glucksmann, filósofo francês, publicado na Revista Communications, em 1966, demonstra a preocupação dos efeitos, sobre os jovens, da violência presente em cenas de filmes desde o início do século XX. O cinema é o início da espetacularização mais abrangente da violência, maior em número de espectadores do que os torneios de lutas com gladiadores na Roma Antiga. Mas o espetáculo viralizou e chegou ao patamar de meme. O YouTube transforma os espectadores em viewers e mantém o status da violência como um grande espetáculo para ser apreciado.



Segundo levantamento de Glucksmann, os dados mais antigos sobre violência no cinema são de 1935. Em uma análise com 155 filmes policiais, eram cometidos 406 crimes. Já em 1951, numa análise de 100 longas-metragens, a quantidade de crimes ou atos de violência era de 659. As preocupações são antigas, mas ainda não terminaram, apenas se deslocaram de mídia, e estão agora com a televisão.

Esse relatório, presente no livro “Linguagem da Cultura de Massas, também faz considerações acerca da culpa da televisão pela violência dos jovens. A figura do jovem está sempre presente nessas pesquisas, pois não se atribui a esse grupo uma capacidade crítica. No senso comum, as mídias estão sempre influenciando os mais fracos.

Mas tantos jovens quanto adultos têm acesso a cenas reais de violência todos os dias em diferentes horários televisivos. A violência está no dia a dia do telespectador, principalmente no final da tarde e começo da noite com os programas policiais. As maiores audiências do horário quase sempre ficam com o programa Cidade Alerta, da RecordTV, chegando a mais de 10 pontos de [audiência](https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2017/02/cidade-alerta-bate-recorde-de-share-e-a-hora-da-venenosa-lidera) [https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2017/02/cidade-alerta-bate-recorde-de-share-e-a-hora-da-venenosa-lidera] . O jornalístico perde apenas para as novelas da Rede Globo.

Na Band, emissora concorrente, outro programa policial consegue normalmente mais de 5 pontos todos os dias. Com um conteúdo próximo e tom parecido, o Brasil Urgente coloca no ar matérias como a do espancamento da travesti [Dandara](http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/16157899/travesti-e-espancada-ate-a-morte.html) [http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/16157899/travesti-e-espancada-ate-a-morte.html] . A reportagem com 87 segundos tem 5 inserções da cena gravada pelos assassinos, somando, assim, 48 segundos do tempo total da matéria jornalística.

A violência real ou ficcional inserida nesses meios torna-se um espetáculo. Nesse sentido, se faz necessária a seguinte questão: seria esse processo a causa dos atos de violência na atualidade? Levando em consideração as diversas violências que cercam a todos, é difícil responsabilizar apenas as cenas de violência propagadas pela mídia como causadoras de atos de violência, apesar de ter sua parcela de culpa. A violência na sociedade está atrelada às nuances

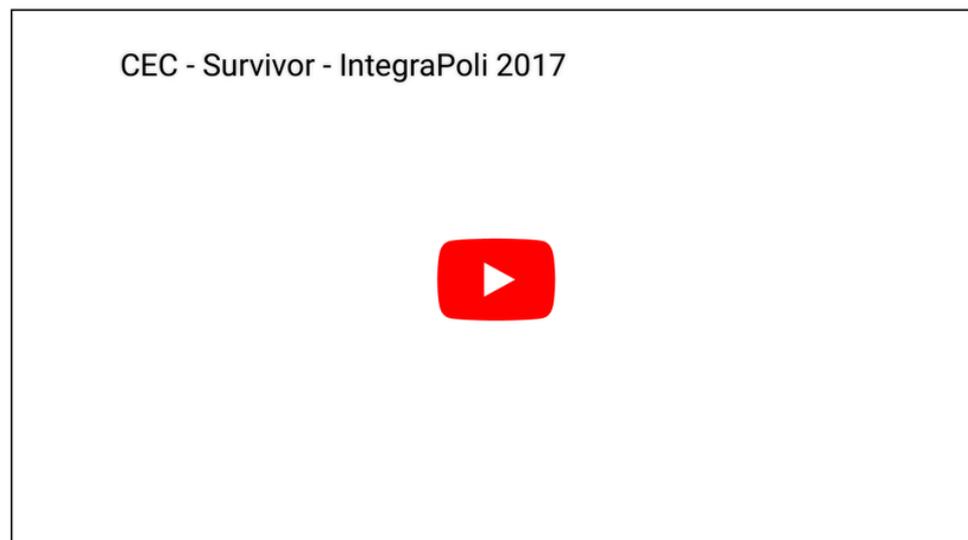
mais íntimas do nosso cotidiano, se expressando de variadas formas, sendo muitas vezes invisibilizadas e legitimadas. Desta forma, a construção de representações de violência na mídia é apenas um importante fator dentre tantos outros. Não há resposta única para o que provoca a violência.

A reflexão sobre o significado e a magnitude da violência na contemporaneidade é, antes de mais nada, um mergulho no emaranhado das relações que constituem nossa sociedade, esmiuçando o seu significado no que diz respeito ao seu caráter coletivo e individual.

As narrativas violentas e as imagens da violência sempre fizeram parte da história da humanidade, sendo assim uma característica quase que inerente à vida social. Desde os conflitos neandertais até o massacre judeu cristalizado pela história, a violência sempre foi fator essencial na construção das relações do homem como ser social.

Segundo Márcia Aparecida Giuzi Mereuse no artigo *Reflexões Sobre a Violência: manifestações na mídia e implicações no universo infanto-juvenil*, em seu significado mais banal, a violência aparece relacionada à agressão física, à violação do corpo, aos chutes, tiros e pontapés destinados a outrem. Porém, uma análise mais ampla demonstra que a violência, em contraposição à concepção enraizada na ideia de agressão ao corpo físico, adquire novas concepções, acoplando ao seu significado elementos de caráter psíquico, moral, econômico e cultural.

Confira vídeo feito por alunas da Poli USP denunciando violências cotidianas





É fato que vivemos em uma sociedade permeada pelo medo da violência, seja ela física, moral ou psicológica. A fala cotidiana, as afinidades com o espaço e até mesmo as relações subjetivas estão ancoradas no medo de atos violentos. Em tempos de globalização, a ampliação da utilização dos meios de comunicação se constitui em ferramenta para proliferação de cenas de violência.

E o YouTube é esse novo meio de disseminar todo tipo de violência. Em forma de viral, meme, bordão, a violência ganha ares de ainda mais espetacular do que o ficcional. A violência adquire um status que o cinema e a televisão ainda não tinham conseguido dar: humor. Uma briga na porta da escola se transforma em um linha com “[Já acabou, Jéssica?](https://www.tecmundo.com.br/memes/89428-briga-entre-adolescentes-viraliza-internet-acabou-jessica.htm)”, uma das postagens na rede social tem mais de 3 milhões de visualizações, mas existem várias outras versões em maior ou menor tempo, com paródias ou sem.

Em um outro caso mais recente, o jovem [Josias de Farias Júnior](http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,jovem-presos-por-se-fingir-de-medico-e-encontrado-morto-em-sc,70001826990), de 19 anos, foi ridicularizado após ser preso por se passar por médico em hospital em Balneário Camboriú, Santa Catarina. A ridicularização se deu porque o jovem havia postado um vídeo no YouTube, em 2016, dizendo que se formou em medicina assistindo a série Grey's Anatomy. Dias depois, Josias foi encontrado morto e a polícia acredita na hipótese de suicídio.

Esses casos de violência, explícitos ou não, em um site que já tem 82 milhões de usuários no Brasil ganham proporções ainda mais grandiosas juntando-se a outras redes sociais e levantam o questionamento de qual a responsabilidade de todos nessa violência de rir, compartilhar e comentar.

Seja no Imax do cinema, no 4k da TV ou do Youtube, a violência continua sendo uma atração cultural para a sociedade contemporânea. Porém, os que antes eram apenas consumidores, ou até mesmo produtores, hoje, podem ser propagadores. É possível afirmar que as cortinas desse espetáculo estão longe de se fecharem e a era do *like* pode levar novas luzes à ribalta

**Estudantes do curso de Licenciatura em Educomunicação ECA-USP*

Postado há 23rd August 2017 por [Anonymous](#)

19/04/24, 21:36

Do Cinema ao Youtube, a espetacularização da violência se renova | NCE | ECA | USP

Localização: [Prédio Central 1 - Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Butantã, São Paulo - SP, 05508-020, Brazil](#)

Marcadores: [ABPEducom](#), [educomunicação](#), [nce](#), [Núcleo de Comunicação e Educação ECA-USP](#)

 0 Adicionar um comentário



Digite um comentário

19/04/24, 21:36

Educomunicação: como desenvolver o senso crítico para as notícias falsas | NCE | ECA | USP

30th August 2017 Educomunicação: como desenvolver o senso crítico para as notícias falsas

Por Vivian Khatchikian, com a parceria de Lucas Ossoda, José Sales Neto e Marcos Blasques*

A vida na cultura digital está permeada por práticas de riscos e oportunidades. Há uma epidemia de notícias falsas e elas estão tendo influência até na vida e nas escolhas das pessoas. Se antes os boatos e as meias verdades se restringiam a veículos sensacionalistas, hoje elas circulam na internet e podem influenciar tomadas de decisões importantes, individuais que obviamente reverberará no âmbito coletivo, como exemplo, as eleições presidenciais.



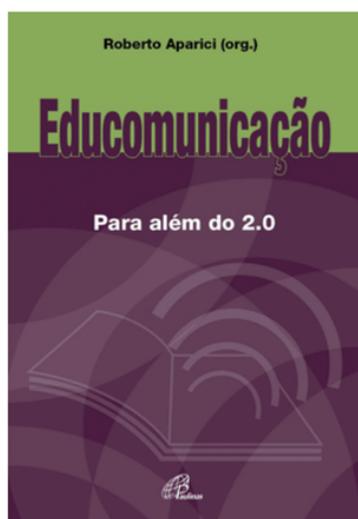
[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEh50GnxESQJVx0A3N2dylk8i8UeKKORVEuRSiwDt5s7DtD6VRxfPT5b-c4FQK-SnQL3pcqsf5JgkaCLmPyu5c37G86hu4VCZ_j0I8eIqx-x05T66LgVKKSZqRolp9TBW6bVKmqrl4TkNk/s1600/ncenoticiasfalsas.jpg]

Para combatê-las, governos, empresas de mídia e renomes da tecnologia como Facebook e Google têm desenvolvido ferramentas. No entanto, delegar a solução para a própria tecnologia não é suficiente, afinal, mesmo um “google” da vida pode nos levar a ciladas que não percebemos com notícias falsas.

Com o pressuposto de comunicar para educar e educar para comunicar, a Educomunicação auxilia a detectar esta onda de notícias falsas através do diálogo constante entre educadores com seus locutores, alunos e professores, em busca do senso crítico.

Além de despertar para o senso crítico, o papel da Educomunicação com apoio dos educadores é também estimular e incentivar alunos e professores — no espaço educativo ou em sua própria comunidade — a criar seus próprios produtos de mídia, desenvolvendo projetos de jornal, televisão e rádio escolar.

Com isso, além de alimentar constantemente para o despertar deste senso crítico, colabora também para a utilização das ferramentas midiáticas de forma colaborativa e, sua divulgação na internet com consciência, ponderando o que está sendo compartilhado, antes de apertar o botão de enviar.



Na Caça ao tesouro promovido pelo [NCE USP](http://www.usp.br/nce/) foi lançado este enigma e através do livro “Educomunicação Para Além do 2.0” de Roberto Aparici navegamos nesta leitura em busca do conhecimento.

A infoexclusão caracterizada pela enchente de informações que empodera notícias falsas, num mundo que caminha, mesmo que de forma desigual, para uma sociedade da informação com a alfabetização digital é de suma importância o papel do educador, porém como cita o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, “*Educomunicação não é Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e nem Tecnologia da Educação (TE)*. *Pode ser as muletas, mas não as pernas*”. Por essa razão a prática do diálogo que desperta para o senso crítico é fundamental para analisar notícias falsas.

Os cinco pontos de partida para obter o senso crítico é :

1. **Questione a origem da notícia** – A primeira pergunta que o leitor deve fazer é : Qual o interesse ou perfil editorial de quem compartilhou a informação? Qual base ideológica está por trás do discurso e também incutido no próprio leitor ? Uma pesquisa americana mostrou que jovens de 15 a 27 anos tendem a acreditar em notícias claramente equivocada quando atestam algo em que já acreditam.
2. **Desconfie dos autores** – Notícias falsas são divulgados em sites feitos para parecer com portais já consagrados, verifique se outras mídias de renome divulgaram o mesmo dado.
3. **Leia mais do que apenas a notícia** – Boa parte das informações equivocadas são notícias verdadeiras, mas compartilhadas fora de contexto. Verifique a data e local que a informação foi divulgada pois muitas vezes a mesma notícia foi desmentida ou ser lida de forma diferente dependendo do período em que foi publicada.

19/04/24, 21:36

Educomunicação: como desenvolver o senso crítico para as notícias falsas | NCE | ECA | USP

4. Analise o texto com cuidado - Os manuais de jornalismo tem diretrizes para não adjetivar absolutamente nada, se existe uma quantidade de exageros é um sinal claro que o compromisso com a exatidão das informações não prioridade além de questionar se o texto é notícia ou um texto opinativo.

5 – Considere os riscos antes de compartilhar - Espalhar uma informação é algo sério por essa razão, análise eticamente se o que você irá publicar é relevante para outras pessoas e acima de tudo, ter a confiança de que a informação é verdadeira, se não for, melhor não compartilhar.

*Texto de Vivian Khatchikian.

Aluna primeiro semestre Educomunicação ECA USP.

09/06/2017

Visita ao NCE realizada em 27/04 com aluno Marcos Blasques.

Postado há 30th August 2017 por [Anonymous](#)

Marcadores: [educomunicação](#), [mídia na educação](#), [nce](#), [notícias falsas](#)

1 Ver comentários



Marcos Paulo Blasques Bueno 3 de setembro de 2017 às 17:54

Esse vídeo sobre "Explosão Virtual" trata sobre a problemática do compartilhamento irresponsável de informações pela internet e também é um alerta sobre a questão da necessidade de vigiarmos sobre a legitimidade de notícias, fatos e informações científicas:

<https://www.facebook.com/MarcosBlasques.page/videos/1119801254727701/>

Grande abraço educutivo a todos,

[Responder](#)



Digite um comentário

[Carregar mais](#)

17th October 2017

Em 2005, evento histórico discutiu a presença dos negros na mídia. Será que algo mudou desde lá?

Por Pamela dos Reis Vieira e Marcela Viana Riccomini

A atividade “Caça ao tesouro no NCE” nos desafiou a encontrar no acervo do NCE um evento sobre a representatividade do negro nos meios de comunicação, e o Encontro Internacional África Brasil foi o escolhido, que aconteceu em São Paulo em 2005.

O evento reuniu jornalistas, comunicadores, pesquisadores, educadores, lideranças políticas e agentes culturais para analisar como é feito o recorte étnico e racial em práticas midiáticas e discutir a implementação de políticas públicas voltadas a igualdade racial na América Latina e na África.

A análise de dados de 2005 sobre a representatividade do negro na mídia nos mostrou a ausência do tema em veículos noticiosos (“em um universo de cerca de 100.000 textos jornalísticos, pouco mais de 3% abordavam questões de raça/etnia”) e a importância do estímulo a maior visibilidade desse assunto nos meios de comunicação, visto que pautas mais valorizadas pela mídia tendem a fazer parte do rol de políticas públicas a serem debatidas e implementadas no país.

O artigo de Dennis de Oliveira (Universidade Metodista de Piracicaba e Universidade de São Paulo) e Maria Ângela Pavan (Universidade Metodista de Piracicaba), divulgado no site do evento, abordou a temática com um texto sobre a novela “Da cor do pecado”, conhecida por ter sido a telenovela brasileira com a primeira protagonista negra da história. No entanto, a partir de uma análise empírica de cenas, algumas problemáticas apareceram sobre a forma como a mulher negra foi representada.

O próprio título da novela e a música tema trazem uma ideia da pele negra como sendo um “pecado”, uma tentação ao homem branco. Na época, organizações de mulheres negras fizeram uma carta de protesto à Rede Globo, expondo estes pontos de vista.



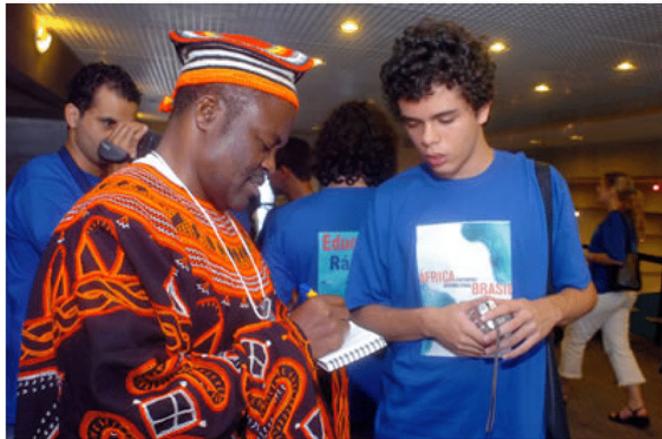
[https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgMmUgigrD-4FNKxT9pH5y8ZvbSkAWzWwhdd1yKQqEnHidtmgjAH5ZWqFxx6EwB4f-cpS09_3fINx3zIGpfSOWDQXXZZYmXVBqSCs95j6SPoc6ERsgMWcSP9kiq5IOxoVA9v1kPehnYE/s1600/cena-malhacao-tvglobo.jpg]

Cena da novela 'Malhação' com PM racista (TVGlobo/Reprodução)

Após 12 anos do evento é possível notar alguns avanços, a atual temporada da novela Malhação também da rede globo tem protagonistas negros e aborda assuntos como o abuso da polícia militar com jovens negros e casos de racismo com um casal inter racial. Diferente do que aconteceu em “Da cor do Pecado”, a Malhação está se preocupando em trazer, além de protagonistas negros, denúncias de como é a realidade do jovem negro na sociedade brasileira.

O artigo já mencionado também revelou que o aumento de representatividade negra na televisão brasileira se dá por uma nova classe média formada cada vez mais por afrodescendentes que têm expectativas de consumo similares à classe média branca, mas o consumo de produtos se torna menor quando se veem representado na divulgação do mesmo. Todavia, mesmo com a intenção de representar esta nova classe média, vê-se nos dados numéricos do ano do evento (2005) que os negros estavam em menos de 10% dos personagens inclusive da novela “Da Cor do pecado” que vinha com uma proposta inovadora até então, de dar um papel principal a uma jovem negra.

A educomunicação tem como um de seus papéis principais ajudar, de maneira a reeducar as novas gerações, visto que em 2004 segundo o Atlas Racial Brasileiro, PNUD, a população negra é numericamente maior na taxa de analfabetismo e menor no grau de escolaridade. O negro deve ter acesso à educação para que então haja uma consciência de seus direitos negados e uma reestruturação da sociedade de maneira mais igualitária. E a educomunicação entra com o papel de tornar perceptível o racismo institucional vivido e então alterar os rumos sociais futuros.



Uma prática educomunicativa que pôde ser observada durante o evento foi a cobertura jornalística feita por alunos da rede pública do ensino de São Paulo. Os estudantes foram previamente capacitados por oficinas fornecidas pelo NCE, além de terem sido estimulados a fazer leituras críticas e produzir textos sobre a imagem de negros na literatura infanto-juvenil. Durante esse processo foi possível observar a transformação desses alunos de receptores para emissores de informação, pois eles tiveram a oportunidade de produzir em cima do seu ponto de vista sobre o evento, possibilitando um empoderamento dos meios de comunicação.

Os participantes encerraram o evento propondo o incentivo pesquisas em faculdades de comunicação sobre o papel e a responsabilidade da mídia na promoção da igualdade dentro da diversidade racial, étnica e cultural; a consolidação das relações entre as empresas de comunicação da África e do Brasil para possíveis trocas enriquecedoras para as culturas desses povos; a criação de programas de capacitação para profissionais da mídia, habilitando-os para a promoção da igualdade para além das fronteiras raciais, étnicas, culturais e de gênero; propuseram também outras ações (podem ser lidas com detalhes no documento final do evento <http://www.usp.br/nce/africabrasil/paginas/docfinal.htm> [<http://www.usp.br/nce/africabrasil/paginas/docfinal.htm>]) que servirão de base para que a mídia represente melhor a diversidade dos povos causando um aumento de políticas públicas mais eficazes na remoção da institucionalização do racismo na sociedade.

**Estudantes do curso de Licenciatura em Educomunicação*

Postado há 17th October 2017 por [Anonymous](#)

Marcadores: [ABPEducom](#), [educomunicação](#), [nce](#), [negros](#), [Núcleo de Comunicação e Educação ECA-USP](#), [racismo](#)

0 Adicionar um comentário

19/04/24, 21:36

Em 2005, evento histórico discutiu a presença dos negros na mídia. Será que algo mudou desde lá? | NCE | ECA | USP



Digite um comentário

13th September 2017 Possibilidades tecnológicas na educação indígena

Por Alana Ramos e Bruna Pontes*

As populações indígenas vivem novas realidades em suas aldeias. No interior do Brasil as diversas etnias experimentam possibilidades tecnológicas e culturais apoiadas pela escola indígena e por projetos sociais.



Foto: Sérgio Vale/Secom

O Brasil é o país com a maior diversidade cultural e linguística na América do Sul. Existem cerca de 181 línguas indígenas que identificam mais de 216 povos etnicamente diferentes. Cerca de 140 das línguas indígenas brasileiras se concentram na Amazônia Legal, 45 delas faladas apenas no Estado do Mato Grosso.

A Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) possui com uma Faculdade Indígena Intercultural que apoia os índios em busca do empoderamento proporcionado pelo conhecimento.

A UNEMAT desenvolve projetos importantes com cursos de formação tanto de licenciatura quanto de bacharelado para estudantes indígenas, como também um projeto de informática. Nestes projetos, os índios em sua maioria são bilíngues, o que é importante para que eles possam manter a gestão de seus próprios projetos.



Foto: **Mayke Toscano/ GEMT** (14/11/2013)

Nas aldeias é ensinada a língua materna às crianças, preservando sua identidade cultural. A língua portuguesa é presente em muitos povos para que haja comunicação entre as partes e exposição de vontades e direitos das etnias, frente aos diversos agentes: representantes do governos, pesquisadores, entre outros.

Cada povo indígena vive uma cultura própria, com uma língua específica, costumes, estrutura política, organização militar, cosmovisão, religião. Historicamente, devido as tomadas de posse de terra, por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, que não respeitaram a organização política indígena, acabaram por sufocá-la a ponto de esta praticamente desaparecer na nova estrutura de governo implementada pelos “novos donos de terra”.

Os estudos antropológicos demonstram que a cada povo indígena corresponde uma língua. A língua, por sua vez, expressa diversidade de pensamento, de filosofia de vida, de costumes, de organização social, de estrutura educativa, religião. Para se falar corretamente de índios, é necessário situar o índio num povo determinado. Não existe o índio genérico. Existe, sim, o nambikwára, o Xavante, o Bororo. Cada tribo existe por si e é diferente de qualquer outra.” - João Carlos Vicente Ferreira em “Mato Grosso e seus Municípios. (FERREIRA, 2001, p148.)

O Projeto Tucum - Programa de Formação de Professores Indígenas para o Magistério, teve início no ano de 1996 e terminou em 2001. Foi um projeto que tratou com o devido respeito a diversidade social dos povos indígenas que ocupam a região territorial do Mato Grosso. Tratou-se do maior programa de educação escolar indígena no continente americano. Foi realizado com a parceria de 17 municípios, a FUNAI e ONGs como o Conselho Indígena Missionário, Operação Anchieta Nativa entre outras. Foi realizado com recursos do Banco Mundial, através do Programa de Desenvolvimento Agroambiental (PRODEAGRO). O Projeto Tucum atendeu 200 professores indígenas que atuavam diariamente com um universo de 4.500 alunos.

Ao concluir o Projeto Tucum, os participantes produziram um Trabalho Final em que apresentaram os resultados de suas pesquisas individuais. O livro “*Sócio-Diversidade Indígena: Ensaios de Educação Escolar no Projeto Tucum*” reúne alguns textos produzidos por autores indígenas, professores formados pelo Projeto Tucum que atuam nas escolas de suas aldeias. Os trabalhos foram organizados a partir dos temas: Mitos, Ritos e Arte; Terra e História; Ecologia e Saúde.

Nos anos 80, o termo *Educommunication* era designado pela UNESCO como sinônimo de *Media Education*, designando o esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação. A Educomunicação, entre 1997 e 1999, surge a partir de pesquisas feitas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), ressignificando o termo, que passou a designar o conjunto das ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação.

A partir de 1999, com pesquisas realizadas pelo NCE/USP foi concluído que a inter-relação entre a educação e a comunicação já acontecia e possuía uma “densidade própria” que se afirmava como um “campo de prática ou ‘intervenção social’ com grande potencial transformador” (SOARES, 1999). A exemplo disso, o Projeto Tucum que surgiu em 1996 - um ano antes do surgimento dos estudos feitos pelo NCE/USP - possuía em sua formação abordagens educacionais comunicativas.

Os cursos do Projeto Tucum eram vinculados à UNEMAT, a qual era responsável por firmar parcerias com outras instituições de ensino superior. Tendo como objetivo principal propiciar a discussão e elaboração da proposta de escola em cada aldeia a partir da formação de professores pesquisadores com a capacidade de questionar e sistematizar conhecimentos, valores, habilidades, atitudes e valores históricos. Com um currículo focado na contribuição para a formação integral do participante como membro de seu grupo social e cultural, o Projeto Tucum seguia três eixos norteadores: Terra, Língua e Cultura.

Possuía como perspectiva a autonomia de seus integrantes para organizar seus próprios conhecimentos culturais, além de enfrentar os novos desafios advindos do convívio intersocietário. Os cursos elaborados tinham como pressupostos a afirmação ética, a valorização dos costumes, língua e tradição de cada povo.

Buscava também respostas para os problemas e expectativas das comunidades, compreendendo os processos históricos em que as comunidades indígenas e outras formas de sociedade estão mergulhadas. Para isso, a proposta era o estudo e a utilização das línguas indígenas no trabalho docente e em projetos relevantes para a vida prática e para o futuro de cada povo.



Foto: **Chico Valdiner/ GEMT** (30/12/2013)

Barra do Bugres- MT, 30/12/2013- O Instituto de Desenvolvimento Humano de Mato Grosso (IDH-MT), certificou em Barra do Bugres, 65 índios nos cursos de Espanhol e Atendimento ao Público, nas modalidades masculino e feminino, os beneficiados são das aldeias Imutina e Bacalana.



Foto: **Onofre Brito/ Secom** (20/01/2014)

Rio Branco- AC, 20/01/2014- Formatura da primeira turma de professores indígenas em nível superior no Acre.

Com esse projeto, o ensino superior indígena deixou de ser apenas uma reivindicação, passando a ter um status de política pública no Mato Grosso, sendo considerada uma demanda específica de caráter permanente.

O Projeto Tucum se caracteriza como uma ação Educomunicativa pois, como Ismar de Oliveira Soares afirma em “Educomunicação - O conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do Ensino Médio”

A educomunicação, como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa

maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência. (SOARES, 2011, p.45)

A valorização da pessoa indígena, o respeito à posição do indivíduo, e por outro lado, a abertura para o Outro, para o diálogo, para a capacidade de contextualizar problemas e encontrar soluções de interesse coletivo, tornam o projeto uma forma exclusiva e inédita de formação educacional do indígena.

A educomunicação posiciona-se de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura de mercado [...] transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo. (SOARES, 2011, p.95).

O Projeto Tucum ofereceu à comunidade indígena uma oportunidade real para a criação de um ambiente em que houvesse uma revisão e uma mudança total das relações de comunicação nas regiões - uma educação escolar indígena aberta, democrática e não excludente. Estes são pontos de partida para que aconteçam novas relações interculturais pautadas pelo respeito aos Povos Indígenas e a seus diversos projetos e modo de viver.

Sobre a atividade Caça ao tesouro no NCE

Tesouros encontrados no NCE:

- 1) LIVRO - *Sócio-Diversidade Indígena: Ensaios de Educação Escolar no Projeto Tucum*
- 2) LIVRO - *Mato Grosso e seus Municípios - João Vicente Ferreira*

A atividade "Caça aos Tesouros do NCE" proposta pela disciplina AACC I, se iniciou com o sorteio do tema. Um dos participantes do grupo esteve no NCE e obteve como tema do desafio:

A comunicação através das mídias é algo já corriqueiro para boa parte da população, seja através de redes sociais como facebook, ou blogs de notícias. Nos últimos anos isso também se aplicada a população indígena que cada vez mais está navegando nesse mundo virtual. Usando essas ferramentas como forma de preservação da própria cultura, divulgação e luta pelos seus direitos básicos. Será que o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA/USP possui algum tipo de projeto ou material que trate desse assunto? Será que a questão indígena está presente em nosso acervo?

19/04/24, 21:36

Possibilidades tecnológicas na educação indígena | NCE | ECA | USP

A proposta de visitar o NCE em busca de “tesouros” trouxe a oportunidade de conhecer diversos materiais relevantes para inúmeros assuntos. Porém, como não há um sistema digital de busca e pelo fato de o acervo ser bastante extenso, houve certa dificuldade em encontrar materiais relacionados ao tema sorteado.

O sorteio do tema do desafio aconteceu no NCE no dia do “Caça ao Tesouro”, o que propiciou que a busca por materiais não tivesse um viés preestabelecido no que se refere aos caminhos a se seguir e aos materiais escolhidos de acordo com o tema.

**Estudantes do curso de Licenciatura em Educomunicação*

REFERÊNCIAS

ZORTHÊA, Kátia Silene; MENDONÇA, Terezinha Furtado. *Sócio-Diversidade Indígena: Ensaio de Educação Escolar no Projeto Tucum*. Brasil, 2003. 245 p.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus Municípios*. Cuiabá: Buriti, 2001. 660 p.

MORI, Angel Corbera. *Os Desafios da Pesquisa em Línguas Indígenas no Brasil*. CELCAM-IEL/UNICAMP.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011. 101 p.

Postado há 13th September 2017 por [Anonymous](#)

Marcadores: [ABPEducom](#), [cinema](#), [educação indígena](#), [educomunicação](#), [mídia na educação](#), [nce](#)

0 Adicionar um comentário



Digite um comentário